



UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES (ICHCA)
CURSO DE JORNALISMO

***Relatório técnico de Trabalho de Conclusão de
Curso***

**Reportagem multimídia “Educação nos presídios: Chance para ressocialização
e direito básico atinge minoria nas unidades penitenciárias em Alagoas”**

ORIENTADOR: Prof. Dr. Antônio
Francisco Ribeiro de Freitas

ALUNA: Thaynara Monteiro de Oliveira

**Maceió
2022**

**Reportagem multimídia “Educação nos presídios:
Chance para ressocialização e direito básico
atinge minoria nas unidades penitenciárias em
Alagoas”**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
em Jornalismo da Universidade Federal
de Alagoas, como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharela em
Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Francisco
Ribeiro de Freitas

Maceió
2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

O48r Oliveira, Thaynara Monteiro de.
Reportagem multimídia “Educação nos presídios: chance para
ressocialização e direito básico atinge minorias nas unidades penitenciárias em
Alagoas”/ Thaynara Monteiro de Oliveira. – 2022.
56 f. : il.

Orientador: Antonio Francisco Ribeiro de Freitas.
Relatório (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade
Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes.
Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 43-46.
Apêndices: f. 47-56.

1. Educação. 2. Sistema prisional - Alagoas. 3. Ressocialização. 4.
Jornalismo digital. 5. Reportagem - Multimídia. I. Título.

CDU: 070:343.81(813.5)

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento vai a mim, por ter conseguido chegar até aqui em meio a tantas turbulências na vida. Por não ter desistido, mesmo quando tudo indicava que essa seria a melhor escolha. Por ter conseguido encerrar esse ciclo. Por ter me adaptado e ter me tornado uma nova pessoa durante esses anos de graduação.

Agradeço à minha família, em especial meus pais, Marta e Ivanilson, meu irmão Thiago, e minha tia Márcia, que estiveram mais próximos durante a minha trajetória na faculdade e por terem acreditado que isso tudo ia dar certo. Principalmente a minha mãe, que esteve ao meu lado durante todo o percurso e que desde sempre é maior e melhor exemplo de mulher que eu poderia ter. Dedico essa conquista à minha avó, Marlene, que está acompanhando meus passos de outro plano, mas que sempre estará comigo. Bença, vó.

Também agradeço à minha amiga Raquel, que presenciou vários surtos e sempre me aconselhou tão bem em todos eles, além de me apoiar em tudo (ou quase) nestes mais de 12 anos de amizade. Aos amigos virtuais do fandom, que fiz durante a pandemia, principalmente dos grupos Gelinhos de Forks e Pimentinhas: sem vocês, eu não teria aguentado a quarentena. Aos meus amigos da época do colégio (especialmente Matheus, Gustavo, Alyssa e Kevyn) e a todos os outros que até hoje estão comigo e agora vão poder me chamar para sair sem receber a resposta de que eu não posso. À Gabi, única dentista possível, que desde 2019 tem sido uma pessoa incrível na minha vida e sempre me motiva quando pode, a Melina, que também esteve comigo e me apoiou bastante quando eu falava em desistir, e a Lara, que também me ajudou no trabalho mais importante, aos 45 do segundo tempo, e voltou a ser presente na minha vida. Com medo de deixar alguém de fora, agradeço a todos que conheci durante a graduação e tornaram meus dias na faculdade mais leves (vocês estão incluídos aqui, organizadores da Festa Oficial das Atléticas).

Meus agradecimentos também vão para o Cícero, pois se não tivesse me contado a história dele quando eu estava no meu primeiro estágio, essa reportagem talvez não existisse.

Agradeço também a todos que não acreditaram nem confiaram em mim ou na profissional que eu poderia me tornar. Isso tudo serviu de motivação para eu me

tornar cada vez melhor. Pode ser clichê, mas é bom provar que todos estavam errados.

Não poderia deixar de agradecer a todos os professores que tive durante esses anos, que puderam passar ensinamentos para que eu pudesse vir a ser uma boa profissional. Agradeço especialmente ao meu orientador, Prof. Dr. Antônio Francisco Ribeiro de Freitas, por ter aceitado me ajudar com o último trabalho da graduação, por ter me motivado quando eu achava que não iria dar certo, e por ter confiado na minha capacidade de entregá-lo. Espero não decepcionar nenhum de vocês!

RESUMO

O presente trabalho teve como finalidade a criação de uma grande reportagem multimídia para falar sobre a educação no sistema prisional e a relação da oferta educacional com a ressocialização dos custodiados, trazendo como exemplo a história de um ex-reeducando, Cícero Alves, que foi o primeiro de Alagoas a se formar no ensino superior enquanto estava preso. A reportagem conta com recursos multimídia relacionados ao assunto. Foram mencionados autores como Alves (2020), Borges (2021) e Júnior (2018) para referências teóricas que envolvem o tema abordado, além de Canavilhas (2001) e Ferrari (2003) para falar de jornalismo digital e multimídia. O produto final está hospedado na plataforma gratuita de criação de sites Wix, com elementos multimídia (áudio, vídeo, foto, infográfico). O trabalho resultou num site que deverá ficar disponível para o alcance de maior número de interessados no tema possível, oferecendo o acesso à informação para essas pessoas e podendo gerar desde debates importantes sobre o assunto até formação de opiniões a respeito.

Palavras-chave: educação; sistema prisional; ressocialização; jornalismo digital; jornalismo multimídia.

ABSTRACT

This work aimed to create a multimedia report to talk about education in the prison system and the relation of the educational offer with the resocialization of inmates, bringing as an example the story of an ex-inmate, Cícero Alves, who was the first in Alagoas to graduate from higher education while in prison. The report has multimedia resources related to the subject. Authors such as Alves (2020), Borges (2021), and Junior (2018) were mentioned for theoretical references involving the theme addressed, in addition to Canavilhas (2001) and Ferrari (2003) to talk about digital journalism and multimedia. The final product is hosted on the free website creation platform Wix, with multimedia elements (audio, video, photo, infographic). The work resulted in a site that should be available to the largest possible number of people interested in the theme, offering access to information to these people and being able to generate from important debates on the subject to the formation of opinions about it.

Keywords: education, prison system, resocialization, digital journalism, multimedia journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Captura de tela do primeiro contato com uma das fontes	20
Figura 2 - Gráfico do ranking da população carcerária mundial. (Arquivo da autora).	27
Figura 3 - Infográfico “Quais os direitos das pessoas privadas de liberdade?”	28
Figura 4 - Captura de tela com um dos produtores de “Além das Grades” (2019)	29
Figura 5 - Capa da reportagem	30
Figura 6 - Introdução da reportagem	31
Figura 7 - Início da reportagem.	32
Figura 8 - Início da reportagem	32
Figura 9 - Primeiro intertítulo da reportagem	33
Figura 10 - Imagens e segundo intertítulo da reportagem	33
Figura 11 - Infográfico e terceiro intertítulo da reportagem	34
Figura 12 - Quarto intertítulo da reportagem	35
Figura 13 - Vídeo e citação em destaque na reportagem	36
Figura 14 - Quinto intertítulo da reportagem, citação em destaque e foto	36
Figura 15 - Sexto intertítulo da reportagem	37
Figura 16 - Visualização do site para dispositivos móveis	37
Figura 17 - Visualização do site para dispositivos móveis	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	13
2.1 Geral	13
2.2 Específicos	13
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
3.1 Webjornalismo	14
3.2 Jornalismo digital e multimídia	15
3.3 Jornalismo de dados na reportagem multimídia	16
4. PROCESSO DE PRODUÇÃO	18
4.1 Elaboração da pauta	18
4.2 Apuração, escolha de fontes e entrevistas	19
4.3 Redação para web	23
4.4 Publicação e edição do site	25
4.5 Elementos multimídia	27
4.6 Layout do site da reportagem	30
5. RESULTADOS	39
5.1 Resultado final	40
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICES	47
APÊNDICE A - Pauta jornalística (Direito)	47
APÊNDICE B - Pauta jornalística (Pedagogia)	50
APÊNDICE C - Pauta jornalística (Psicologia)	52
APÊNDICE D - Pauta jornalística (Social)	53
APÊNDICE E - Pauta jornalística (Profª Elaine Pimentel)	54

1. INTRODUÇÃO

Com o objetivo de “corrigir” os indivíduos que cometem crimes, as prisões surgiram como um método de punir essas pessoas sem que fossem torturadas e executadas em praças públicas como antigamente. O local deve, em teoria, recuperar o custodiado para que ele retorne melhor ao convívio social.

Atualmente, o Brasil é o 3º país com a maior população carcerária no mundo inteiro. Com elevado número de pessoas privadas de liberdade — muitas delas sem condenação — o sistema carcerário brasileiro enfrenta um cenário de superlotação na maior parte das unidades. O excedente da população carcerária gera diversos problemas que cercam estes custodiados, e entre eles, a principal: a falta de acesso a direitos básicos.

Quais seriam estes direitos? Previstos na Lei de Execução Penal (LEP), de 1984, as pessoas privadas de liberdade deverão ter assistência material (fornecimento de alimentação, vestuário e instalações higiênicas), à saúde (atendimento médico, farmacêutico e odontológico), jurídica (destinada para quem não possui recursos financeiros para constituir advogado), educacional (instrução escolar e a formação profissional do preso e do internado), social (amparar o preso e o internado e prepará-los para o retorno à liberdade) e religiosa (liberdade de culto).

Mesmo sendo assegurados pela LEP, a maior parte dos custodiados e internados não possuem acesso nem a metade do que foi citado acima.

Sendo um local que espera-se que o indivíduo pense sobre a atitude que o fez perder a liberdade, gerando um sentimento de arrependimento dessa pessoa e fazendo com que ela não tenha mais atitudes ilícitas, o sistema prisional acaba tendo um papel inverso na maioria dos casos. Com boa parte da população carcerária já sendo excluída da sociedade antes mesmo de perder a liberdade, esses reeducandos enfrentam uma nova exclusão, dessa vez nos estabelecimentos prisionais.

O alto número de custodiados impede que o sistema carcerário consiga ofertar vagas de ensino e trabalho para todos, tornando o grupo que tem esse acesso muito pequeno em comparação ao total de pessoas que ocupam essas unidades. Em Alagoas, de acordo com o levantamento realizado pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen), de 4.810 custodiados, apenas 841 participam de atividades educacionais.

Para especialistas, a educação pode ser um fator importante para a ressocialização dessas pessoas, fazendo com que elas retornem à sociedade com outro comportamento, além de poder tornar os dias de cumprimento de pena em regime fechado menos ociosos e devolver a autoestima dos custodiados.

Portanto, é comumente aceito pela sociedade que a prisão seja única e exclusivamente um local de punição para os que cometerem crime, não associando essa correção ao futuro do indivíduo privado de liberdade, que é sua volta ao convívio após o cumprimento de sua pena. Neste contexto, é de suma importância que conheçamos a legislação que não apenas garante a este indivíduo a manutenção de seus direitos, mas a oportunidade de criar uma nova perspectiva de futuro, para que ao retornar ao convívio social não volte a cometer os erros que o fizeram perder a liberdade. (ALVES, 2020)

Ao fazer leitura dos estudos que falam sobre educação no sistema prisional, imaginamos um cenário ideal, onde todos os privados de liberdade têm ao menos a chance de ingressar em atividades educacionais. Após conversar com pessoas mais envolvidas no assunto, percebe-se que a questão deve ser mais aprofundada a respeito da falta de oportunidades que o sistema prisional proporciona para a maior parte dos custodiados, além das más condições para aqueles que têm o privilégio, digamos assim, de ter acesso às aulas — pouco espaço, equipamento insuficiente para todos, e até dificuldade para chegar até a sala por falta de policiais.

Destaca-se uma unidade no complexo prisional de Alagoas, que ganhou destaque pelo tratamento humanizado e ofertas aos custodiados: o Núcleo Ressocializador da Capital. Mesmo sendo um modelo ideal, possível de obter sucesso e que atende às expectativas da LEP, mais da metade das pessoas privadas de liberdade em Alagoas não podem sequer tentar ingressar na unidade.

Com essa perspectiva, o trabalho foi realizado acreditando que ele poderá acrescentar nas discussões a respeito dos direitos desses reeducandos, com foco na educação, além de informar a realidade de quase 5 mil custodiados que compõem a população carcerária de Alagoas. Ele também poderá servir para levar informação à população sobre os direitos dessas pessoas privadas de liberdade, visto que a sociedade também entra em questão por excluir esses indivíduos após o crime cometido, com discursos estritamente punitivos, alimentando a desumanização desses indivíduos.

O tema foi escolhido após conhecer o ex-reeducando Cícero Alves, que cumpriu parte da pena em regime fechado no Núcleo Ressocializador da Capital e conseguiu ser o primeiro em Alagoas a se formar no curso de Administração

enquanto ainda estava na unidade, em 2019. Por ser um acontecimento que teve destaque na época, a curiosidade foi despertada acerca da oferta educacional no sistema prisional: por que, de tantas pessoas, apenas Cícero conseguiu sair de lá com essa conquista?

Do ponto de vista enquanto jornalista, a escolha também se deu por como o acontecimento foi noticiado de maneira positiva nos mais diversos veículos, mas ainda era uma questão pouco aprofundada, que recebia comentários negativos sobre os direitos dos custodiados e o fato em si. Além disso, muitas vezes os próprios veículos de comunicação acabam desempenhando um papel determinante na visão desumanizadora que parte da sociedade ainda tem sobre as pessoas privadas de liberdade.

Com isso, a produção também visa desempenhar o papel de tornar mais frequente esse debate, gerando mais movimento no tema, e alcançar diversas pessoas, da área acadêmica ou não, com a reportagem. Afinal, como Lage expõe, “o repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador, não pode estar” (LAGE, 2003).

O jornalismo pode ser uma peça fundamental para que a sociedade fique inquieta ao encarar algumas questões, podendo trazer benefícios para o conjunto, já que os temas destacados pelos profissionais geralmente são de interesse público.

Essa questão pode ser relacionada com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, que tem como base “o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação” (FENAJ, 2007), e que destaca, no artigo 6º, inciso XI, que o dever do jornalista é defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, especialmente para crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias. É preciso lembrar, inclusive, que não é porque o indivíduo cometeu um crime e está no sistema prisional, que ele deixa de fazer parte da sociedade e passa a não ser mais um ser humano que possui direitos universais.

Em resumo, o trabalho poderá ajudar a dar mais visibilidade ao assunto, além de gerar debates e dar luz às possíveis causas e consequências que estão ao redor do tema em questão, que é a oferta (e a falta dela) educacional no sistema prisional.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

O trabalho teve como principal objetivo a criação de uma grande reportagem multimídia que fale sobre a oferta da educação no sistema prisional de Alagoas, como ela pode ser utilizada para a ressocialização das pessoas privadas de liberdade e qual é a realidade dos custodiados, já que a maioria não possui acesso e acabam tendo seus direitos violados. Foram utilizados recursos multimídia para que a leitura da reportagem fluísse da melhor maneira, de uma forma dinâmica e acessível, além de interativa.

2.2 Específicos

- Mencionar o surgimento da prisão e seu objetivo;
- Expor dados sobre a população carcerária mundial e também a de Alagoas;
- Tratar sobre os direitos das pessoas privadas de liberdade, conforme assegura a Lei de Execução Penal;
- Trazer a história de um ex-reeducando do sistema prisional alagoano como exemplo, mas também destacar como ele é a exceção neste caso;
- Discutir possíveis causas do motivo dos direitos, como a oferta educacional, não serem garantidos para toda a população carcerária igualmente;
- Mencionar problemas presentes no dia a dia dos custodiados, além do principal discutido.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Webjornalismo

Antes de falar de webjornalismo, é importante falar especificamente sobre a web. Em inglês, a palavra significa “teia” ou “rede”. Trazendo para o mundo da tecnologia, o termo ganhou um novo sentido após o aparecimento da internet, passando a ser a rede que conecta computadores no mundo inteiro, a World Wide Web (WWW). A rede é, basicamente, um sistema de informações ligadas através de hipermídia, suportando texto, vídeo, som, e outros recursos digitais. Com esse suporte, o usuário consegue acessar os mais diversos conteúdos na internet por meio de navegadores, que permitem que os sites, ou endereços eletrônicos, sejam visualizados.

A web já passou por transformações evolutivas ao longo dos anos. A web 1.0, considerada estática, é a mais básica, contando apenas com conteúdo apenas de leitura. Na época, não era possível que o usuário interagisse com a página, e apenas o programador/criador conseguia realizar alterações na página.

Destacando-se por ter se tornado mais dinâmica, a segunda geração da web (ou web 2.0) trouxe essa possibilidade de participação e interatividade do usuário na página e no conteúdo. Nela, já é possível o compartilhamento de arquivos e a postagem de comentários, fortalecendo a troca de informações entre os usuários, o que ainda não era possível na web 1.0. Também passa a se tornar mais frequente conteúdos e páginas enriquecidas por meio da inteligência coletiva, como por exemplo, o Wikipédia. Chamada de web colaborativa, é a versão que usamos atualmente.

Mais recente, a web 3.0 aparece como uma evolução da geração anterior, propondo mudanças nas formas de pesquisa para suprir as necessidades do usuário atualmente. Aqui, o usuário está postando muitos dados de maneira aleatória, dificultando a localização, além de aperfeiçoar a interatividade entre homem e máquina, melhorando linguagens de programação. Essa geração, chamada de web semântica ou web inteligente, foca mais na estrutura das páginas e menos no usuário.

Uma das vantagens que a web proporciona para o jornalismo é a

convergência de mídia, permitindo que seja utilizado diversos elementos midiáticos (áudio, texto, foto, vídeo, etc) em um. Como destaca Lévy (1999), a evolução da web (ou mudança de interface, como aponta o escritor), permitiu que a interação entre o usuário/leitor e a tecnologia fosse fortalecida. “A evolução das interfaces de saída deu-se no sentido de uma melhoria da definição e de uma diversificação dos modos de comunicação da informação”. (LÉVY, 1999, p.40)

Outras características do webjornalismo são a hipertextualidade, atualização e publicação instantânea dos fatos, possibilidade de customizar o conteúdo e a memória. O meio digital também proporciona uma maior liberdade ao jornalista em questões de tamanho de texto e limite de caracteres em relação ao impresso.

3.2 Jornalismo digital e multimídia

Com o surgimento da web e suas mudanças, o jornalismo busca fazer parte, se adaptando. Com a possibilidade de ter várias mídias em apenas um lugar, com recursos que aproximam o leitor, o meio de comunicação se tornou uma opção mais democrática e de menor custo, quando comparamos com os outros já existentes anteriormente. Além disso, com as mudanças ocorridas em torno da web, o leitor se sente cada vez mais próximo e passa a fazer parte do processo pela interação, com comentários, opiniões, ou até pelos hiperlinks, por exemplo, que possibilitam que o leitor aprofunde o conteúdo que desejar.

Os elementos que compõem o conteúdo on-line vão muito além dos tradicionalmente utilizados na cobertura impressa, textos, fotos e gráficos. Pode-se adicionar sequências de vídeo, áudio e ilustrações animadas. Até mesmo o texto deixou de ser definitivo - um e-mail com comentários sobre determinada matéria pode trazer novas informações ou um novo ponto de vista, tornando-se, assim, parte da cobertura jornalística. (FERRARI, 2003, p.39)

Essa possibilidade de inserir diversos elementos, permite que o usuário consiga fazer uma leitura não linear da reportagem. Entretanto, é necessário que o jornalista tenha o cuidado de não inserir mídias que tornem o produto final redundante. Os elementos utilizados no jornalismo digital têm como objetivo acrescentar, e não devem ser utilizados da mesma maneira como em outros meios de comunicação — que, por sua vez, já possuem sua linguagem específica para que o espectador entenda.

Assim, a disponibilização de um complemento informativo permite ao indivíduo recorrer a ele sem que isso provoque alterações no esquema mental de percepção da notícia. Esta estrutura narrativa exige uma maior concentração do utilizador na notícia, mas esse é precisamente o objectivo do webjornalismo: um jornalismo participado por via da interacção entre emissor e receptor. (CANAVILHAS, 2001, p. 4)

Com a integração de diversas mídias no jornalismo, a web permitiu a introdução a novas formas de escrever aos jornalistas, segundo Ferrari (2003). Isso se deve ao fato de que, por existir uma enorme quantidade de conteúdo na internet, se torna uma tarefa mais difícil prender o leitor em uma determinada página. Com isso, é preciso se apegar a ideia de que na web não existem tantas regras e limitações como são vistos nos outros meios que o jornalismo faz uso.

Se, para o jornalista, a introdução de diferentes elementos multimédia altera todo o processo de produção noticiosa, para o leitor é a forma de ler que muda radicalmente. Perante um obstáculo evidente, o hábito de uma prática de uma leitura linear, o jornalista tem de encontrar a melhor forma de levar o leitor a quebrar as regras de recepção que lhe foram impostas pelos meios existentes. O grande desafio feito ao webjornalismo é a procura de uma "linguagem amiga" que imponha a webnotícia, uma notícia mais adaptada às exigências de um público que exige maior rigor e objectividade. (CANAVILHAS, 2001, p. 2)

Pela alta quantidade de informações disponíveis na web, vista por Ferrari (2003) como uma grande biblioteca digital, passa a se tornar possível misturar e combinar recursos disponíveis no ciberespaço, como todos já citados acima (entre eles, links, gráficos, etc).

Por essas questões, se deu a escolha do trabalho ser um produto utilizando recursos multimídia. Com a inserção de links, fotos, vídeos, gráficos para apresentar dados interessantes de maneira mais visual e dinâmica, e áudio, nota-se uma forma de captar a atenção do leitor e gerar uma imersão do usuário no assunto, buscando, claro, a intenção inicial de fazer com que ele reflita sobre o tema, podendo formar opiniões, fazer comentários e gerar debates. A liberdade em poder aprofundar o assunto numa grande reportagem multimídia sem as limitações de outros veículos também foi um fator considerado.

3.3 Jornalismo de dados na reportagem multimídia

É de conhecimento geral que os dados são fundamentais no jornalismo. Com

o acesso a dados relacionados ao sistema carcerário brasileiro e alagoano, foi possível a construção de gráficos (a maioria interativos) para compor a reportagem, proporcionando uma visualização mais clara dessas informações. O jornalismo de dados vem ganhando mais espaço no mundo da web. Ventura (2018) observou, ao pesquisar, que o segmento está se associando a características da grande reportagem multimídia e recursos de infografia (VENTURA, 2018).

Seu ponto forte é a capacidade de criar narrativas baseadas em dados provenientes de diferentes fontes (públicas ou privadas), fornecendo os elementos necessários para a compreensão e o desenvolvimento de uma reportagem que atraia atenção do leitor. (VENTURA, 2018, p.8)

A inserção do jornalismo de dados na web e a possibilidade de mesclar essas informações com grandes reportagens multimídia permite a apresentação da informação em diferentes formatos, como Ribas (2004) falou especificamente sobre infografia multimídia.

Ainda segundo Ribas, a infografia ficou popular e se tornou importante no meio jornalístico por apresentar um complemento que explica melhor alguns aspectos debatidos no texto (RIBAS, 2004). Esse foi o intuito de utilizar gráficos e infográficos no trabalho, já que a captação dessas informações se torna mais fácil de ser absorvida.

4. PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1 Elaboração da pauta

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre educação nos sistemas prisionais e o estabelecimento de Alagoas para elaborar a pauta. Artigos, dissertações, portais de notícias, pesquisas, conversas com pessoas da área de Direito e sites dos órgãos responsáveis pela educação e pelo sistema carcerário. Inicialmente, não encontrei muitos trabalhos focados na oferta educacional do sistema prisional, então foi necessário pesquisar outros mais abrangentes para ter mais respaldo.

Apesar de muitos trabalhos falarem sobre as dificuldades enfrentadas no sistema carcerário relacionados à educação, nenhum me passou tantos detalhes quanto a conversa que tive com as fontes, o que me fez repensar em alguns assuntos e a forma que poderiam ser abordados na reportagem.

A partir da pesquisa e das conversas, pude conhecer um pouco mais do assunto, e consegui fazer pautas para a reportagem da melhor forma, que estão no final do relatório. Outros questionamentos que não estão nas pautas foram surgindo durante as entrevistas.

Vale destacar, que a ideia surgiu em 2019, enquanto eu era estagiária do Tribunal de Justiça de Alagoas (TJ/AL), e Cícero Alves apareceu contando sua história. Sem saber ainda qual foco deveria seguir, apenas soube que dali renderia uma história. “A notícia está em toda parte. Da história de um morador de rua ao perfil de um grande executivo, se o repórter procurar, encontrará casos interessantes que podem virar pauta” (BRASLAUSKAS, FLORESTA, 2009, p. 13).

Nesse processo de construção da pauta, há os que defendem que os repórteres têm de ser criativos. Claro que a criatividade é uma grande aliada no jornalismo, como em todas as áreas de atuação, contudo, mais do que isso, o jornalista precisa ser observador. Os repórteres que olham para tudo esperando encontrar uma novidade e não se acomodam têm mais chances de voltar para a redação com uma boa pauta. Assim como um pesquisador em campo, o jornalista precisa ficar atento ao que vê, ao mesmo tempo que se distancia de opiniões formadas. E isso não é fácil. (BRASLAUSKAS, FLORESTA, 2009, p. 13-14)

Com a pesquisa, foi possível entender melhor alguns aspectos de assuntos que não são da minha área, como o funcionamento do sistema prisional, os direitos

dos custodiados, como ocorrem as aulas no sistema prisional, quem tem essa oferta e como ela é para quem está privado de liberdade. Apesar de não ser um conhecimento específico e aprofundado, a pesquisa me ajudou a ter noção do tema que seria abordado na reportagem, permitindo que eu pudesse, finalmente, começar a construir o trabalho.

Com esse pequeno momento de estudo do assunto, consegui pensar qual rumo deveria seguir para construir a pauta, e por sua vez, a reportagem. Afinal, o levantamento dessas informações e dados permitiram que eu avaliasse a viabilidade de colocar a pauta para frente ou não. Mesmo com alguns empecilhos, segui em frente com o trabalho.

4.2 Apuração, escolha de fontes e entrevistas

Tendo o contato apenas de uma das fontes, iniciei outra pesquisa, agora à procura de quem poderia entrevistar, com a escolha de fontes que pudessem aprofundar o tema da maneira desejada, sem desviar do assunto e que pudessem acrescentar com mais informações para a construção da reportagem.

Senti uma dificuldade em procurar elementos que me ajudassem a produzir um trabalho voltado para esse assunto, então pedi ajuda para uma pessoa próxima sobre trabalhos voltados para educação nos sistemas prisionais que pudessem me ajudar na busca.

As fontes escolhidas foram: um advogado, uma pedagoga, um ex-reeducando, uma professora de Direito que é envolvida em projetos voltados para a educação no sistema prisional, assistente social e psicóloga. Além deles, também busquei informações com a Secretaria de Estado da Educação de Alagoas (Seduc/AL) e Secretaria de Estado de Ressocialização e Inclusão Social de Alagoas (Seris/AL), através da assessoria de comunicação de cada uma.

Após conseguir o contato com as fontes, elaborei as perguntas que faria durante a conversa e fiz o primeiro contato para explicar o motivo de ir até elas, a temática do trabalho e se poderíamos marcar uma entrevista por chamada de vídeo. O contato foi realizado por WhatsApp e email.

No primeiro contato com as fontes, me apresentei e falei um pouco mais sobre o assunto que seria abordado. Quatro fontes toparam de imediato. Os assessores das secretarias pediram que o contato fosse apenas por email, e não

tive mais nenhum retorno nas vezes que perguntei sobre a demanda. Também houve uma dificuldade em encontrar uma assistente social e psicólogo (a) para falar sobre o assunto. Até o momento do fechamento da reportagem, uma das fontes, que responderia por e-mail, não deu retorno.

Thaynara Monteiro
 Para: @hotmail.com
 Olá Ana Katharine, tudo bem?

Sou Thaynara, estudante de jornalismo da Ufal, e estou fazendo meu TCC, que se trata de uma reportagem sobre a importância da educação no sistema prisional. Ao pesquisar leituras que me ajudassem a produzir o texto, encontrei seu trabalho, que me ajudou bastante.

Como se trata de uma reportagem, eu preciso falar com pessoas sobre o assunto. Gostaria de saber se você teria disponibilidade para marcarmos uma entrevista, ou caso não possa, se teria alguma indicação de alguém que possa falar sobre o assunto.

Qualquer coisa também estou disponível no WhatsApp (). Fico no aguardo!

Att,
 Thaynara Monteiro

Figura 1: Captura de tela do primeiro contato com uma das fontes. (Arquivo da autora).

Com as entrevistas marcadas, organizei informações, dados e perguntas para que a conversa não fugisse do tema ou me faltassem informações necessárias para a reportagem.

Como dito anteriormente, a abordagem inicial passou por algumas mudanças à medida que eu ia conversando com profissionais, já que eles estão mais presentes nas vidas desses custodiados do que eu, achei válido dar novos destaques no trabalho.

Inicialmente, foi pensada numa abordagem voltada para a importância da educação nos estabelecimentos prisionais e como isso pode ajudar na ressocialização dos custodiados, com foco em Alagoas e no Núcleo Ressocializador da Capital, unidade prisional que conta com um tratamento mais humanizado do custodiado.

Após conversar com algumas fontes, percebi que poderia tocar num ponto crítico: a educação, que é um direito, não é acessível a todos os reeducandos, e a maior parte deles não possui sequer o ensino fundamental completo. Após semanas de pesquisa, decidi dar outros focos na reportagem.

As pautas “especiais” exigem um investimento maior por parte da reportagem e dos veículos. É comum o jornalista trabalhar em uma pauta dessas por alguns dias ou até semanas. Pode ser uma pauta que nasce de uma ideia ou de alguma denúncia. (BRASLAUSKAS, FLORESTA, 2009, p. 19)

Além das leituras e das pesquisas de dados realizadas antes, as entrevistas foram fundamentais para produzir todo o conteúdo da reportagem. Todas as entrevistas foram realizadas virtualmente, sendo três por chamada de vídeo, e uma por email, já que a fonte estava com Covid-19 e não tinha condições de marcar um horário para conversar. As entrevistas por chamada de vídeo foram gravadas.

Todas as entrevistas conseguidas foram utilizadas na matéria, e apesar de áreas diferentes, todas elas chegavam num ponto em comum que era a realidade da educação nos espaços prisionais. Mesmo todas as histórias sendo interessantes, foi necessário fazer um recorte do que entraria na reportagem e o que ficaria de fora, para não causar desentendimento ao leitor ou fuga do tema. O objetivo principal dessas conversas foi aprofundar o tema do ponto de vista de cada área.

Quanto mais elementos ele tiver sobre o assunto que irá abordar, mais facilmente poderá descartar aquilo que não importa. Saberá o que já foi dito à exaustão e não precisa ser novamente tratado com destaque, aquilo que já foi negado em outras reportagens e até o que não faz diferença. Porque uma reportagem é apenas um extrato da apuração do repórter. Muito do que foi feito fica de fora. O jornalista elege aquilo que considera melhor para colocar no espaço que lhe cabe. (BRASLAUSKAS, FLORESTA, 2009, p. 41-42)

Das quatro entrevistas, três foram por chamada de vídeo, previamente marcadas e com o assunto da conversa pré-estabelecido. A primeira entrevista foi com o advogado e presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB Alagoas, Roberto Barbosa de Moura. Cheguei nele como fonte após procurar outros dois advogados, que não estavam disponíveis no momento. Um deles achou melhor para a minha pauta uma conversa com Roberto, já que ele estava mais presente com questões que poderiam ser abordadas na reportagem. A conversa durou quase duas horas, e foi enriquecedora para meu trabalho, já que em alguns pontos se tornou em uma espécie de aula de Direito e, além disso, me abriu os olhos para uma possível abordagem que poderia ser feita, destacando os problemas enfrentados pelos custodiados diariamente no sistema prisional, onde a maior parte de seus direitos são violados.

Em seguida, pude falar com o ex-reeducando Cícero Alves, que se formou em Administração enquanto cumpria pena em regime fechado no Núcleo Ressocializador da Capital. Conheci Cícero em 2019, e desde então tive para mim que ele seria fonte para o meu último trabalho da graduação. Cícero pôde me contar

um pouco mais da sua história, do que viveu enquanto esteve preso, o motivo de ter parado no sistema prisional, e como está atualmente. Além disso, por Cícero trabalhar hoje em dia com reeducandos, buscando a ressocialização dessas pessoas privadas de liberdade com trabalho e estudo, o ex-reeducando se tornou uma fonte que podia falar também do acompanhamento realizado com essas pessoas, e não mais apenas de sua experiência pessoal. A conversa durou 1 hora.

Por último, na etapa de entrevistas por chamada de vídeo, falei com a pedagoga Ana Katharine Pedrosa por aproximadamente 1 hora. A pedagoga realizou um trabalho de conclusão de curso focado na educação no sistema prisional, o que me ajudou bastante durante a pesquisa inicial para a produção da pauta. Atualmente, Katharine é pesquisadora e realiza um trabalho (temporariamente interrompido) no Estabelecimento Prisional Feminino Santa Luzia, localizado no complexo de Alagoas. Durante nossa conversa, pude ter o olhar do profissional da educação que decide trabalhar com pessoas privadas de liberdade, os questionamentos que se deparam por ter optado atuar nessa área, e como a educação pode transformar o dia a dia do reeducando, indo além do conhecimento e da possível “transformação” do indivíduo, mas também ajudando a deixar o cumprimento da pena menos ocioso e fazer com que o custodiado recupere sua autoestima, mesmo após a exclusão que está sofrendo.

Durante todas as três conversas, estive com o roteiro que tinha feito previamente, para não desperdiçar tempo ou esquecer de algum questionamento importante, como aconselham Braslauskas e Floresta (2009).

As anotações do repórter são de grande importância para conduzir a conversa. Primeiro, a pauta da entrevista deve estar na mão do repórter; de preferência, anote todos os tópicos em uma única folha para que seja mais fácil consultá-los durante a conversa. Se você não fizer um roteiro das perguntas, poderá esquecer de abordar coisas importantes e se perder durante a entrevista. (BRASLAUSKAS, FLORESTA, 2009, p.89)

Após conversar com essas três fontes, todas citaram a professora Elaine Pimentel, diretora da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), e mesmo com prazos apertados, resolvi entrar em contato com ela para conseguir um complemento no conteúdo que eu já tinha. Por estar com Covid-19, a professora solicitou que eu enviasse as perguntas por e-mail, e assim fiz no mesmo dia. Por atuar diretamente com a pauta que seria abordada na reportagem, achei

interessante procurar a docente. Por ser uma entrevista feita por e-mail, tive o cuidado de elaborar melhor as perguntas, para que as respostas fossem boas e para que eu pudesse utilizá-las.

A matéria teve, ao todo, 3 fontes, já que foi feita uma tentativa de buscar mais pessoas para falarem sobre o assunto e não obtive retorno.

Apesar de várias tentativas de contato com as secretarias de educação e de ressocialização e inclusão social de Alagoas, não tive sucesso e, por ter pouco tempo, acabei deixando de lado o que eu abordaria com elas, que seriam dados e informações mais atuais e específicas do estado, como a oferta educacional do sistema prisional de Alagoas, a taxa de reincidência do estado, e a taxa de reincidência específica do Núcleo Ressocializador da Capital, por exemplo. A psicóloga, a assistente social e a professora Elaine Pimentel, que também eram opções de fontes para a matéria, precisaram ficar de fora, já que foi necessário o fechamento da pauta por conta do prazo de entrega.

4.3 Redação para web

Mesmo antes das entrevistas, comecei escrevendo o que poderia adiantar em questão de dados, além da produção de infográficos e coleta de fotos em banco de imagens e sites das secretarias. Escrevi algumas coisas sabendo do risco de, no final, não precisar utilizar, e assim aconteceu: parte do que eu já havia escrito foi alterada e remanejada para o melhor entendimento do leitor após a mudança de abordagem do trabalho.

Transcrevi as entrevistas e destaquei falas importantes que poderiam ser utilizadas como citações ou apenas assuntos que poderiam ser aprofundados. Com isso, pude iniciar a escrever a reportagem, agora de maneira mais eficiente, já que tinha tudo o que era necessário para realizar o trabalho. Anotei a estrutura que eu gostaria de adotar, para ir construindo o texto a partir desse esquema.

No começo, achei que daria um foco maior na história de Cícero, por ser alguém que vivenciou de perto os problemas que envolvem o sistema prisional alagoano enquanto reeducando. Entretanto, ao “colocar no papel” tudo o que eu tinha coletado, achei interessante falar um pouco da experiência pessoal de Cícero e relacionar com as falas do advogado e da pedagoga, além de pegar parte da fala de Cícero enquanto acadêmico de Direito e empreendedor social para enriquecer a

reportagem.

De primeira, achei que não daria conta de escrever sobre o tema. A toda frase escrita, pensava que “o buraco era mais embaixo”, e batia uma insegurança em abordar o assunto, até por não saber questões mais técnicas com tanta profundidade. Deixando essa questão de lado, fui continuando o texto do jeito que eu podia, com as informações, dados, relatos e falas que eu tinha em mãos, além de sempre estar com abas abertas para ir pesquisando mais e mais e entregar um trabalho que fosse acessível para quem também não tinha domínio no assunto.

Aqui também entra em questão a função de tradutor que o jornalista tem, abordada por Lage (2003), para que mais pessoas saibam sobre o assunto sem que seja necessário o conhecimento específico em uma linguagem mais técnica de outras áreas, já que foi necessário conhecer um pouco mais de cada área para que a reportagem fosse desenvolvida da melhor forma, e de maneira mais acessível.

Como, na prática, profissões e atividades se interligam cada vez mais, é através do jornalismo que a informação circula, transposta para uma língua comum e simplificada, menos precisa mas com potencial bastante para permitir julgamentos e indicar caminhos de investigação a quem estiver interessado. A informação torna-se, portanto, matéria-prima fundamental e o jornalista um tradutor de discursos, já que cada especialidade tem jargão próprio e desenvolve seu próprio esquema de pensamento (compare-se a fala de um diplomata com a de um militar ou a de um assistente social com a de um economista). (LAGE, 2003, p. 22)

Com medo de soar repetitivo, pelo ponto em comum nas falas dos três entrevistados, optei por quebras no texto corrido para aprofundar certos temas, como a questão do acesso ao Núcleo Ressocializador da Capital.

Além dos intertítulos, também foram inseridas algumas falas das fontes em destaque, para dar mais atenção para o que tinha sido dito, e para deixar a leitura menos cansativa, tanto em destaque por escrito, como em áudio.

O intuito do trabalho era deixá-lo o mais completo possível, entretanto, questões pessoais envolvendo saúde, problemas familiares, falta de equipamento por muito tempo e trabalho, além da ausência de um orientador até julho de 2021, acabaram me tomando muito tempo que eu poderia ter usado na realização deste último trabalho. O cronograma inicial, feito com ajuda do orientador Antônio Francisco Ribeiro de Freitas, previa a conclusão do trabalho em dois meses. Entretanto, com as dificuldades expostas acima, houve um adiamento do encerramento do produto diversas vezes. Com isso, precisei me reinventar enquanto

repórter para não fazer um texto pela metade, sem credibilidade ou que não alcançasse ao menos um dos objetivos iniciais.

Apesar das dificuldades, me apeguei à liberdade que o webjornalismo dá, ainda mais se tratando de uma grande reportagem multimídia, já que não há um limite pré-definido de caracteres para o texto, e posso utilizar de outros artifícios para tornar a reportagem mais dinâmica.

Assim como Braslauskas e Floresta (2009) abordaram, tive cuidado para não jogar ideias e informações desconexas no texto, fazendo com que o trabalho não tivesse qualidade.

Mesmo que, ao contrário da literatura, o mais importante em um texto jornalístico seja a informação, é fácil identificar um texto bem escrito por sua fluidez. Em um texto mal escrito, o que mais chama atenção são as ideias desconexas e a falta de informações. (BRASLAUSKAS, FLORESTA, 2009, p. 113-114)

Com o intuito de aproximar o leitor com os relatos e com o assunto, tentei descrever os fatos contados de maneira que servisse também como ilustração na reportagem, além de fotos e vídeos.

A reportagem também contou com hiperlinks, links relacionados inseridos no texto que podem ser acessados por quem tem interesse em se aprofundar em determinadas questões abordadas no texto ou transitar por outras temáticas por meio de mais outros links que possam estar disponíveis. No trabalho em questão, foi utilizado apenas links para sites externos, já que a reportagem multimídia é formada por uma única página.

4.4 Publicação e edição do site

Tendo inicialmente conhecimento apenas em edição básica de HTML em outras plataformas, decidi utilizar um dos sites que tornou mais fácil a criação de um site. Ao tentar no WordPress e Wix, acabei optando por desenvolver o trabalho no Wix, já que a plataforma é mais intuitiva e conta com boas ferramentas gratuitas e demonstrou ser mais fácil de utilizar. Não foi necessário quebrar a cabeça com programação durante a criação do site, apenas na incorporação dos códigos dos gráficos interativos.

O design da página foi pensado e repensado várias vezes, tendo que começar do zero a construção do site que inicialmente não estava agradando. No

começo, o site teria várias páginas, onde cada uma abordaria uma temática diferente dentro do principal assunto. Entretanto, a ideia foi descartada, já que consegui montar um site onde a leitura ficasse mais fácil em uma única página.

As cores utilizadas no site também se tornaram uma questão a ser resolvida. De início, o design foi pensado com a utilização de vários tons de azul, preto e branco, mas me pareceu muito com uma página institucional. Depois, troquei os tons de azul por cinza, que posteriormente acabou perdendo espaço na página. Finalmente, após encontrar uma foto no banco de imagens Unsplash que poderia se tornar a capa da reportagem, optei por utilizar as cores presentes na imagem e branco, para dar uma ideia de continuidade ao rolar a página. Pelas cores estarem muito presentes em temas relacionados a prisões, não queria cair no óbvio inicialmente. Entretanto, no final acabou se tornando a melhor escolha. Demais cores estão presentes apenas nos gráficos, para não ficar monocromático e de difícil visualização com as mesmas cores utilizadas no site.

Ao finalizar a base da interface do site, mesmo sem todo o conteúdo pronto, publiquei o site para visualizar melhor como estava ficando. O Wix permite que o usuário escolha modelos de sites prontos, ou comece do zero, além de permitir a inserção de outros elementos, como fotos, vídeos, áudio, entre outros. A minha escolha foi iniciar um modelo do zero, já que os modelos prontos não me agradaram e não me ofereciam o que era necessário. A plataforma permite o uso e publicação do site de maneira gratuita, podendo ser pago o uso de algum elemento específico em questão ou a conexão de um domínio específico. Com a finalização no design do site, continuei o resto do trabalho, atualizando em tempo real para ver como ficava.

Apesar de não ter tanto conhecimento em planejamento gráfico e editoração como deveria, por questões que fogem do meu comprometimento e da minha vontade, consegui realizar o trabalho e deixar do jeito que imaginava que poderia ficar bom. Mesmo pagando as disciplinas que poderiam me auxiliar nesse aspecto, algumas faltas na época (principalmente de equipamentos), prejudicaram um pouco o meu aprendizado nessa área. Com isso, utilizei da minha curiosidade e da minha experiência anterior para fazer o site, além de utilizar bastante da intuição e do gosto pessoal.

A tipografia utilizada para o título e corpo do texto foi Quicksand, em negrito e normal. Para as citações em destaque, foi utilizada a fonte Soho Condensed, em negrito e normal. Nos infográficos interativos, a fonte utilizada foi Fira Sans

Consented, disponível na plataforma Infogram. Já no gráfico feito no Canva, a fonte utilizada foi a Montserrat Light.

Tanto a fonte quanto o fundo predominantemente preto no site foram pensados para tornar a leitura mais confortável sem que afetasse a estética do site.

O site foi publicado e pode ser acessado pelo endereço <https://educacaonospresidi.wixsite.com/alagoas>.

4.5 Elementos multimídia

Por ser um assunto voltado para o sistema prisional, houve uma dificuldade em produzir fotos no local, já que dependem de autorização judicial e ela poderia demorar bastante para chegar. Com essa dificuldade, busquei fotos em bancos de imagens e sites das secretarias do estado, colocando os devidos créditos aos autores, para ilustrar a reportagem.

Além das fotos, também criei gráficos e infográfico para que os números e informações apresentados fossem lidos da melhor forma. Para a criação deles, foram utilizados os sites Infogram (para os interativos), e o Canva (para o gráfico estático). Ambas as plataformas contam com ferramentas gratuitas, sendo possível a utilização sem gastos.

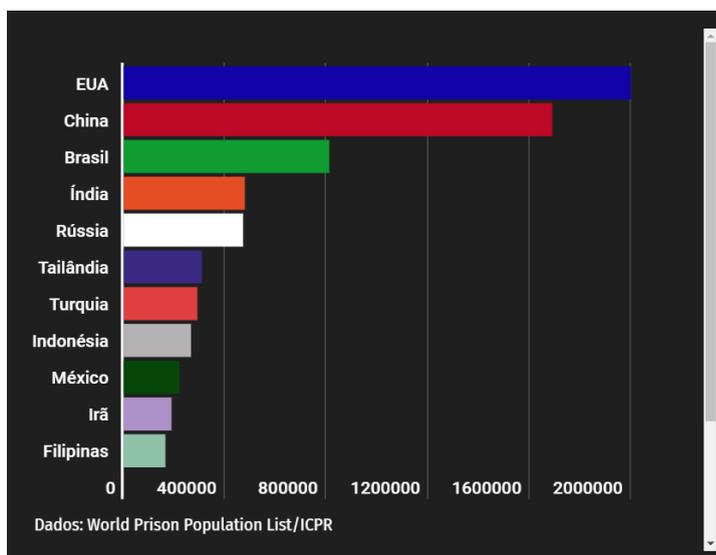


Figura 2: Gráfico do ranking da população carcerária mundial. (Arquivo da autora).



Figura 3: Infográfico “Quais os direitos das pessoas privadas de liberdade?”. (Arquivo da autora).

Como os próprios sites contam com espaços e planilhas para colocar os dados, não foi necessário nenhum esforço maior para criá-los. Apenas a escolha do tipo do infográfico, cores, e apresentação de dados foi necessária para que ele estivesse pronto.

Também foi inserido, na reportagem, o trecho de um curta-metragem que se passa no Núcleo Ressocializador de Alagoas, intitulado Além das Grades. Para a edição do vídeo, foi utilizado o software Sony Vegas Pro 16.0, o qual tenho familiaridade por já ter precisado dele durante a graduação para a edição de trabalhos em vídeo. O uso do trecho do filme foi autorizado por um dos produtores.

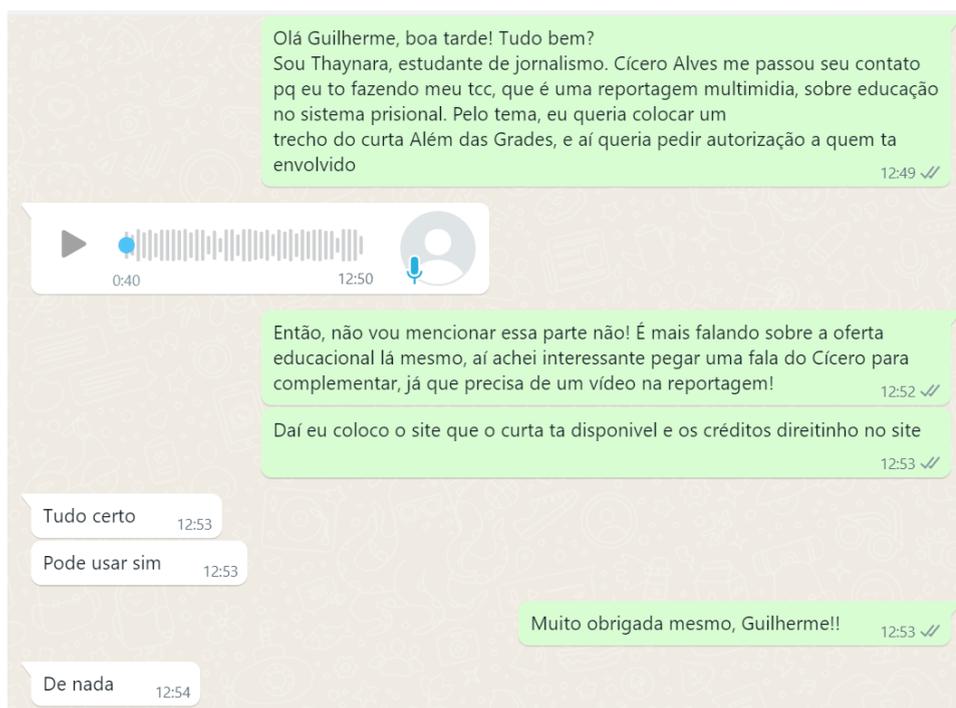


Figura 4: Captura de tela com um dos produtores de “Além das Grades” (2019). (Arquivo da autora).

Por se tratar de uma reportagem multimídia, os elementos mencionados acima são indispensáveis para a narrativa, enriquecendo e ilustrando mais ainda o texto com informações complementares. Áudios de trechos das entrevistas também foram acrescentados em alguns momentos da reportagem.

No trabalho, utilizei seis gráficos e um infográfico para ilustrar da melhor forma os números adquiridos durante a pesquisa. O primeiro, foi criado para mostrar a posição de 3º lugar do Brasil no ranking de países com a maior população carcerária do mundo, com informações da 13ª edição da World Prison Population List.

O segundo gráfico, feito no Canva, revela a população carcerária masculina de Alagoas, com dados do mapa carcerário de junho de 2022 divulgado pela Seris.

O terceiro gráfico ilustra a divisão da taxa de analfabetismo do estado, entre homens e mulheres, com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O quarto gráfico mostra a quantidade de pessoas presas por grau de instrução em Alagoas, com informações do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias, realizado pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen).

O quinto gráfico ilustra a quantidade de custodiados envolvidos em atividades educacionais no sistema prisional alagoano, dividido por nível. Os dados também foram coletados pelo Infopen.

O sexto e último gráfico é de modelo similar ao quarto, mas desta vez ilustrando a quantidade de pessoas presas por cor de pele/raça/etnia em Alagoas, também com informações do Infopen.

O primeiro infográfico que aparece logo no início da reportagem trata sobre os direitos das pessoas privadas de liberdade, conforme a Lei de Execução Penal. Já o segundo, evidencia o número de custodiados em Alagoas que estão nas unidades prisionais e têm acesso a atividades educacionais.

4.6 Layout do site da reportagem

A reportagem, publicada no endereço <https://educacaonospresidi.wixsite.com/alagoas>, conta com uma interface limpa e página única. Logo de início, o site apresenta uma foto de capa da reportagem, de autoria de Tim Hüfner, encontrada no banco de imagens Unsplash.



Figura 5: Capa da reportagem. (Arquivo da autora).

Por ter escolhido um modelo em branco, foi possível adequar quais elementos seriam utilizados em cada parte do site e acompanhando o texto.

A primeira parte do site possui uma introdução para a reportagem, com o intuito de contextualizar o tema. Logo após a introdução, há uma quebra no texto com uma citação em destaque, e logo em seguida, outro modelo é utilizado, dando

início a outra parte do texto e indicando que, a partir dali, o conteúdo será aprofundado. Nesta parte, o texto está posicionado à esquerda, com uma foto de Cícero Alves à direita. Até aí, também é possível ver o primeiro hiperlink e o primeiro gráfico produzido para a reportagem.

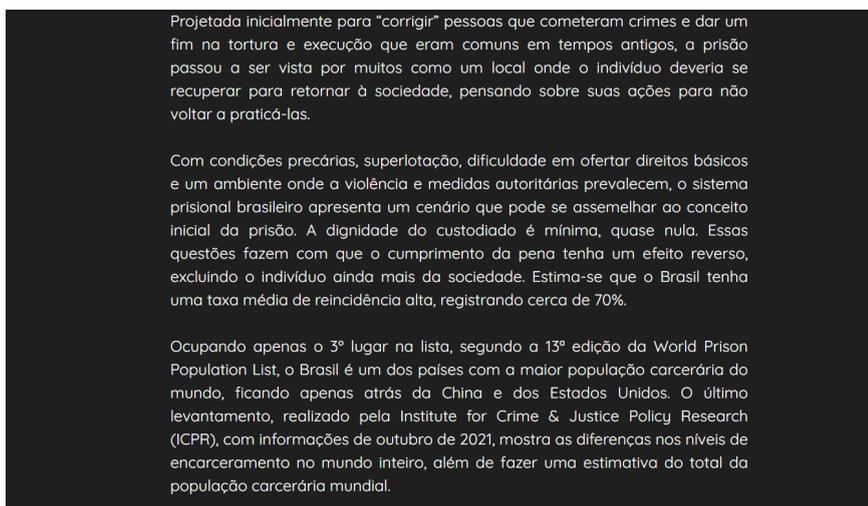
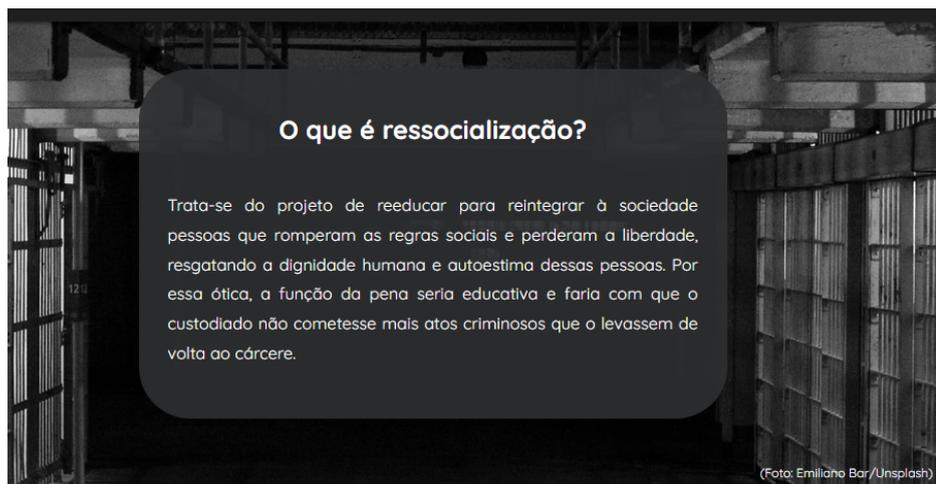


Figura 6: Introdução da reportagem. (Arquivo da autora).

Após a introdução, vem um box explicando o que é ressocialização, seguido de uma fala de Cícero Alves.



"Eu puxei pra minha vida esse desejo de trabalhar com essas pessoas, que estão privadas de liberdade, por aqueles que já passaram pelo sistema carcerário e que precisam de apenas uma oportunidade para não reincidir".

– Cícero Alves (ex-reeducando e empreendedor social)

Figura 7: Início da reportagem. (Arquivo da autora).



Figura 8: Início da reportagem. (Arquivo da autora).

Em seguida, o primeiro intertítulo da reportagem traz a primeira problemática do tema em detalhes, com gráfico e um trecho esclarecendo um assunto abordado mais acima.

Exceção onde deveria ser regra

É possível contar nos dedos da mão quantas pessoas que estão dentro das unidades prisionais tiveram a mesma chance de Alves.

Referência no Brasil, o Núcleo Ressocializador da Capital tem capacidade para abrigar 157 custodiados. Segundo o mapa carcerário de junho, divulgado pela Secretaria de Ressocialização e Inclusão Social do Estado (Seris), a unidade atualmente conta com 93 reeducandos, tendo 64 vagas disponíveis para entrada.

Mesmo tendo um modelo ideal de acordo com o cumprimento da Lei de Execução Penal, **a oportunidade de ingressar no NRC não abrange toda a população carcerária**. O que deveria ser regra para todos os privados de liberdade, acaba sendo exceção.

De acordo com a Seris, apenas custodiados condenados que cumprem pena em regime fechado podem entrar no NRC. Além disso, o estabelecimento prisional é **voltado apenas para a população carcerária masculina, excluindo totalmente a possibilidade das 145 mulheres que estão privadas de liberdade terem acesso a um tratamento diferenciado durante o cumprimento da pena**.

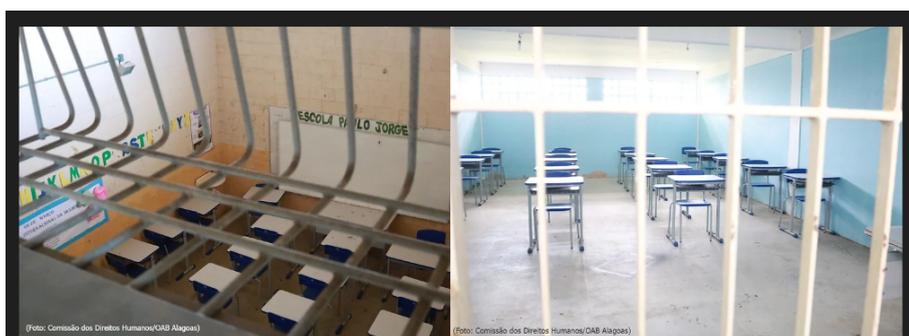
Analisando a população masculina total do sistema prisional alagoano, quase metade também não pode cumprir pena na unidade, por serem presos provisórios.

POPULAÇÃO CARCERÁRIA MASCULINA DE ALAGOAS - JUNHO/2022



Figura 9: Primeiro intertítulo da reportagem. (Arquivo da autora).

Com mais uma quebra no texto com outra citação destacada, o texto segue correndo até o surgimento de mais duas fotos, mostrando as salas de aula de duas unidades do sistema prisional alagoano, de autoria da Comissão de Direitos Humanos da OAB Alagoas.



Salas de aula de unidades do sistema prisional de Alagoas.

Maior taxa de analfabetismo do país é de Alagoas

Enquanto fazia seu estudo, a pedagoga percebeu que a maior parte da população carcerária em Alagoas não tem sequer o ensino fundamental completo.

"A gente vê a necessidade da educação, o quanto [a ausência do ensino] fez falta para eles aqui fora, do quanto isso tirou deles. Quando a gente vê um custodiado, a gente pensa só no crime cometido, **e não em tudo o que vinha por trás, no que levou ele a estar lá dentro**. Quando a gente olha para os custodiados que estão lá dentro sem o mínimo da educação, a gente vê o quanto a gente perde aqui fora mesmo, antes dele ser preso, antes de cometer o crime", destaca Ana Katharine.

Figura 10: Imagens e segundo intertítulo da reportagem. (Arquivo da autora).

Logo abaixo das fotos, está mais um intertítulo, desta vez falando sobre a taxa de analfabetismo de Alagoas e relacionando-a com o tema principal da reportagem.

Após mais uma citação em destaque, está o intertítulo que aborda a falta de estrutura dos estabelecimentos prisionais, com infográfico ilustrando a quantidade de custodiados envolvidos em atividades educacionais no estado.

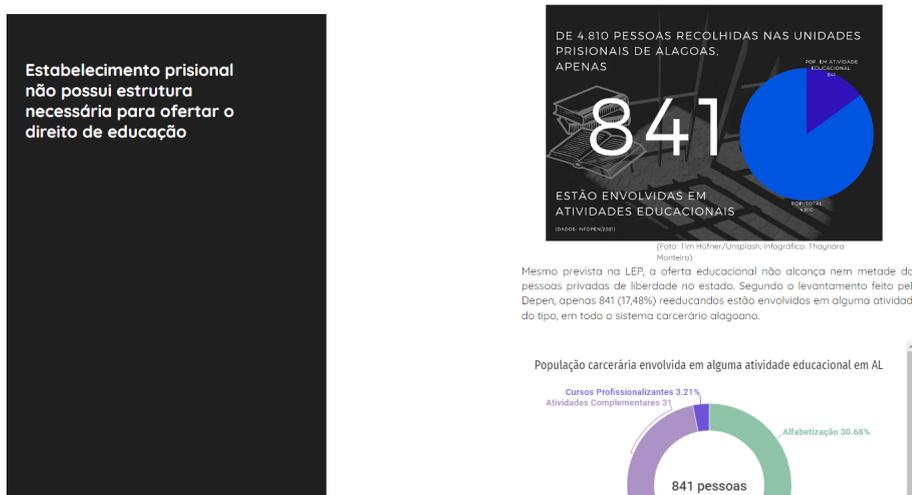


Figura 11: Infográfico e terceiro intertítulo da reportagem. (Arquivo da autora).

Abaixo, outro intertítulo é apresentado, com foco num questionamento feito durante uma das entrevistas com uma das fontes: “educação é um direito, ou assistência?”. O trecho conta com mais um gráfico.

Educação: direito ou assistência?

"Quando a gente parte da lógica de educação enquanto assistência, ela vai ser um bônus, uma bonificação para o bom reeducando", observa o advogado.

Essa é a situação de milhares de pessoas privadas de liberdade. Com poucas vagas, o acesso às aulas acaba sendo restrito aos escolhidos. Tanto a oportunidade de educação como a de trabalho acabam se tornando privilégios para quem consegue.

Essas questões **acabam transformando a oferta da educação e do trabalho em uma assistência para poucos, e não como um direito básico para todos**, já que o sistema prisional não consegue proporcionar as mesmas condições para toda a população carcerária.

As questões que envolvem os direitos dos custodiados também é, constantemente, desmerecida do lado de fora, com discursos desumanizadores que parte da sociedade reproduz. Neste cenário, a mídia acaba, muitas vezes, perpetuando essa ideia por meio principalmente de programas policiais, com falas envolvendo o já conhecido "**bandido bom é bandido morto**", e de que apenas "**vagabundos**" que estão nesses lugares porque "**merecem estar lá**".

Ao observarmos mais atentamente, o discurso é geralmente direcionado à **pessoas negras e periféricas**, evidenciando mais uma vez a questão da exclusão, presente para muitos desde fora do cárcere, e evidenciando o racismo. De acordo com o Infopen, a maior parte da população carcerária de Alagoas é preta e parda.

Quantidade de pessoas presas por cor de pele/raça/etnia em AL

Cor de pele/raça/etnia	Total	Homens	Mulheres
Preta	18	16	2
Parda	18	16	2
Branca	18	16	2
Amarela	18	16	2
Indígena	18	16	2

Figura 12: Quarto intertítulo da reportagem. (Arquivo da autora).

Após o intertítulo, está o trecho do curta-metragem Além das Grades (2019), seguido de uma citação em destaque. Logo em seguida, mais um intertítulo, dessa vez abordando a vida atual de Cícero Alves após o cárcere.



"Esses custodiados precisam que o Estado esteja preocupado com eles. [...] Nós não temos prisão perpétua nem pena de morte, então em algum momento essa pessoa vai sair. Não adianta ela passar anos sendo punida, porque ela só vai sair com mais ódio e com mais vontade de voltar para o crime".

– Ana Katherine Pedrosa (pedagoga e pesquisadora)

Figura 13: Vídeo e citação em destaque na reportagem. (Arquivo da autora).

O intertítulo é seguido de mais uma citação em destaque e uma foto do momento da colação de grau de Cícero no Tribunal de Justiça de Alagoas (TJ/AL), em 2019.

Vida após os anos de cárcere

Hoje em dia, Cícero Alves é casado, tem um filho de 7 anos, e cumpre o resto da pena em regime aberto no estado de Pernambuco, onde mora atualmente. O ex-reeducando também decidiu iniciar outra graduação, e já está no 6º período de Direito.

Para ajudar pessoas que estão em situação parecida com a que ele passou, Alves fundou o Instituto Fênix no ano de 2019, que atua com a reinserção social e colocação profissional de pessoas que estão ou que passaram pelo sistema carcerário, jovens infratores e também suas respectivas famílias.

De acordo com Cícero, o trabalho feito pela equipe do Instituto visa sensibilizar essas pessoas para que elas vejam outras prioridades para suas vidas, além de quebrar o ciclo de criminalidade que pode ocorrer na família.

"Hoje, graças a minha graduação, que foi dentro do sistema carcerário, e a minha história, eu vou aos presídios e falo para eles que há uma chance, que nada tá perdido. **O sistema carcerário é o último degrau da exclusão humana, mas para eles pode ser o primeiro de uma nova vida**", acrescenta.

A instituição conta com parcerias com o Sebrae, Senac e Senai, permitindo a oferta de cursos profissionalizantes para que os egressos possam ter meios para sustentar a família.

"Meu sonho é que um dia as pessoas tenham educação, tenham trabalho digno, possam manter suas famílias, e que não precisem entrar no mundo da criminalidade".

– Cícero Alves (ex-reeducando e empreendedor social)

Figura 14: Quinto intertítulo da reportagem, citação em destaque e foto. (Arquivo da autora).

Após a foto, a página traz o último intertítulo da reportagem e a conclusão do texto, onde há um questionamento com o intuito de fazer com que o leitor reflita sobre as questões acerca do sistema prisional brasileiro e a desumanização dos custodiados.



Figura 15: Sexto intertítulo da reportagem. (Arquivo da autora).

Mesmo tendo sido editado para dispositivos móveis, a visualização do site fica infinitamente melhor pelo computador, já que os diversos elementos multimídia utilizados ficam em seus tamanhos ideais.

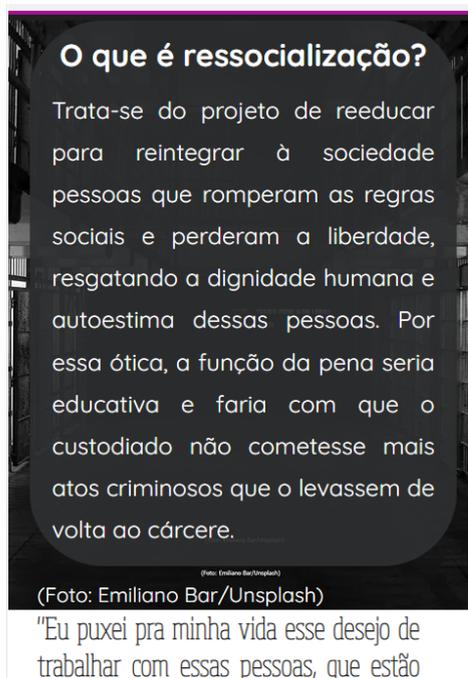


Figura 16: Visualização do site para dispositivos móveis. (Arquivo da autora).

oportunidade de estudo para o público que deveria ser o principal alvo — aqueles que não tiveram essa chance do lado de fora, como analfabetos e pessoas que não completaram o ensino básico — é mínima. Até mesmo o interesse dos próprios reeducandos em trabalhar ou estudar não é o suficiente, já que os presídios contam com poucas salas de aula e poucos Policiais Penais (antigos Agentes Penitenciários) para muitos indivíduos que estão cumprindo pena.

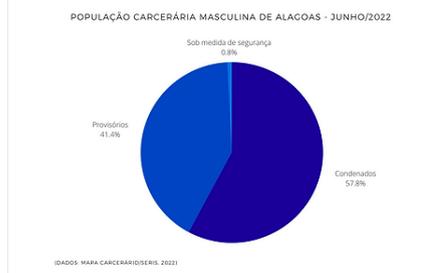


Figura 17: Visualização do site para dispositivos móveis. (Arquivo da autora).

5. RESULTADOS

Por sempre desenvolver melhor os trabalhos práticos, durante boa parte da graduação tive em mente que meu último trabalho deveria ser um produto, já que fluía muito melhor e me motivava a continuar até ver o resultado definitivo.

Apesar de ser um trabalho que fluiu melhor, não foi tão fácil, já que surgiram diversos problemas durante a realização da reportagem, além da desmotivação aparecer de vez em quando, em momentos que tudo parecia começar a dar errado.

Desde a pesquisa de material teórico até as faltas de respostas por parte das fontes, foram questões que atrapalharam um pouco a realização da reportagem, mas nada que comprometesse totalmente a realização do trabalho, já que ele seguiu sendo escrito mesmo assim.

A falta de estudos específicos sobre o tema me deixou com a missão de procurar e discutir melhor e com mais profundidade um tema que, apesar de ser discutido em diversas áreas, ainda não tem a presença que deveria.

Por essas e outras questões já citadas no relatório (saúde, família, falta de equipamento, trabalho e falta de um orientador por mais de um ano durante a pandemia), um trabalho que poderia ter sido melhor executado em mais tempo acabou sendo realizado num prazo mais curto. Entretanto, sempre dando o meu melhor e reconhecendo que todos esses impedimentos poderiam ter comprometido muito mais a última etapa da graduação. Apesar de ter feito cronogramas em cima de cronogramas, não foi possível segui-los à risca, precisando de uma dedicação maior durante todo o tempo que restou no final do período.

Além de todas as dificuldades, mesmo tendo passado por todas as funções executadas no trabalho pelo menos uma vez durante a graduação e em estágios, se tornou um desafio fazer de tudo um pouco e entregar o melhor trabalho sendo tantas profissionais em uma só. Ao mesmo tempo, a experiência foi motivadora, já que em campo, ao ver que tudo está ganhando forma, as dificuldades passam a se tornar pequenas e tudo isso em busca do resultado se torna gratificante.

Por ter um orçamento baixo demais para recorrer a profissionais para auxiliarem, decidi desde o começo executar o trabalho totalmente sozinha, o que serviu até para o desenvolvimento de algumas atividades que jamais tinha feito, como a criação de gráficos e de um site completo.

Além dessa questão, a busca de imagens e mais conteúdo próprio para a

reportagem não foi possível por uma falta de autorização para entrar no sistema prisional de Alagoas e coletar o necessário. Teria levado tempo para conseguir a autorização, com o risco de não tê-la. Durante conversas com fontes e profissionais da área de Direito, alguns me ofereceram para ir comigo até o complexo prisional e pegar o material necessário, entretanto, pelo prazo curto para o longo trabalho que ainda teria que ser desenvolvido, decidi utilizar o que eu já tinha. Pensei que seria melhor essa coleta de informações ser feita com calma, e quem sabe, utilizada no futuro durante um desenvolvimento de um trabalho que aprofunde mais ainda a temática.

5.1 Resultado final

Mesmo com os empecilhos durante a construção da reportagem, o produto final evidencia a necessidade de debates e políticas públicas mais presentes acerca da população carcerária e do funcionamento do sistema prisional no Brasil.

Com a apresentação da história de Cícero, visualizamos uma possível mudança no cumprimento da pena, com um tratamento humanizado e ofertas que beneficiem tanto o reeducando, como a sociedade em geral, como proposta pelo Núcleo Ressocializador da Capital. Entretanto, ao tomarmos conhecimento de números e da realidade nesses espaços, inicia-se o questionamento do porquê a oportunidade ainda é mínima.

O texto também teve a função de esclarecer dúvidas sobre os direitos dos custodiados, por exemplo, e tentar reconhecer possíveis responsáveis pelo déficit da oferta educacional no sistema prisional. Também foi feita uma pequena observação sobre a atuação da mídia em relação a pessoas privadas de liberdade, já que ela desempenha um papel importante na opinião pública ao perpetuar discursos específicos que acabam desumanizando e excluindo essas pessoas, por meio de programas policiais, por exemplo.

Inicialmente, o trabalho tinha o objetivo de falar sobre a importância da educação nesses estabelecimentos. Porém, ao me deparar com diversos novos cenários, a reportagem acabou por apresentar a conquista (que é exceção) de um ex-reeducando e ao mesmo tempo expor problemas presentes na pauta, como o dia a dia dos custodiados, o número de pessoas com baixo grau de instrução que fazem parte da população carcerária de Alagoas, o problema em ter um modelo ideal que

visa a ressocialização e não dar a oportunidade para todos sequer tentarem fazer parte e a falta de estrutura para a oferta (que já é mínima) educacional nas demais unidades. A reportagem finaliza com um trecho que visa fazer com que o leitor reflita sobre os problemas vividos pela população carcerária diariamente e a importância em parar de excluir essas pessoas da sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falar sobre esse tema no último trabalho da graduação, tive a função de despertar o público para mais um problema que ainda fica escondido nos debates sociais e que deve ser abordado com mais frequência.

São poucas as histórias parecidas com a de Cícero que podem ser contadas, já que poucos têm a sorte de ter as mesmas oportunidades num local totalmente precarizado e esquecido pela sociedade e pelo Estado. Apesar de ser repudiada por muitos, a conquista de Alves, e de outros poucos que também conseguem, ganha notoriedade na mídia. Aqui existe dois lados: os comentários em apoio, e outros evidenciando o problema social em reconhecer pessoas privadas de liberdade como seres humanos que podem se reinventar e evitar que reincidam.

Por isso, se tornou uma missão importante para mim enquanto jornalista em formação, me apegar ao Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, empatia e sensibilidade para abordar o assunto de uma maneira que possa conscientizar, levar conhecimento, gerar um impacto — ainda que mínimo — na sociedade, mostrando o outro lado, ainda que não tenha sido feito com tanta profundidade que seria necessário (ilustrando o cenário atual que quase 5 mil pessoas se encontram no Complexo Penitenciário de Alagoas).

Com os estudos e conhecimento adquirido nesses anos de graduação, se fez necessário para mim trazer o tema à tona, já que até estudos que envolvem o assunto são poucos, escassos. Além de informar, espero que com o produto final seja possível despertar o desejo de pessoas das mais diversas áreas em atuar e estudar um pouco o ambiente e as condições dessas pessoas, visando melhorar o cenário.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS, **Plano estadual de educação nas prisões**. Secretaria Estadual de Educação/Secretaria de Estado da Ressocialização e Inclusão Social. 2017.

ALAGOAS, **Resolução normativa nº 2**. Dispõe sobre a oferta de Educação Básica e Superior, nas modalidades de Educação de Jovens e Adultos, Profissional/Tecnológica e a Distância, para pessoas privadas de liberdade, nos estabelecimentos penais do Estado de Alagoas e dá outras providências correlativas. Conselho Estadual da Educação, 2014.

ALAGOAS, Unidades do Sistema Prisional Alagoano — Seris.al.gov.br. Disponível em: <<http://www.seris.al.gov.br/unidades-do-sistema>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

ALVES, Ana Katharine Pedrosa. **Educação formal em espaços prisionais: dispositivos legais nacionais e alagoanos**. 2020. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Centro de Educação, Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

ARAÚJO, B. C. N.; CALHEIROS, A. O. N.; SILVA, M. C. V. **A Oferta da Educação Escolar no Núcleo Ressocializador da Capital (Maceió): avanços e limites da legislação do sistema prisional**. REVISTA BRASILEIRA DE EXECUÇÃO PENAL - RBEP, v. 1, n. 1, p. 165-185, 10 fev. 2020.

BORGES, Juliana. **Educação prisional e garantia de direitos à população carcerária**. Rede Brasil Atual. Disponível em:<<https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2021/10/educacao-prisonal-e-garantia-de-direitos-a-populacao-carceraria/>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BRASIL, Lei de Execução Penal. **Lei nº 7.210**. Congresso Nacional. Brasília, 1984.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Ministério da Educação, 1988.

BRASIL, **Lei nº 9.394**. de 20 dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

BRASIL, **Resolução nº 03**, de 11 de março de 2009. Dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para a oferta da educação nos estabelecimentos penais.

BRASIL, **Resolução nº 02**, de 19 de maio de 2010. Dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para a oferta da educação para jovens e adultos em situação de privação de liberdade.

BRASIL, **Decreto nº 7.626**, de 24 de novembro de 2011. Dispõe sobre o Plano Estratégico de Educação no âmbito do Sistema Prisional.

BRASIL, Plano Nacional da Educação, **Lei nº 13.005**. Senado Federal. Brasília, 2014.

BRASIL, **Lei nº 13.163**, de 9 de setembro de 2015. Dispõe sobre a modificação da Lei de Execução Penal nº 7.210, de 11 de julho de 1984, para instituir o Ensino Médio nas penitenciárias.

BRASIL, Ministério da Justiça, **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias** Infopen Nacional, 2021.

BRASIL, Ministério da Justiça, **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias** Infopen Alagoas, 2021.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web**. Porto: Universidade de Beira Interior, 2001.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã, Portugal: Livros LabCom, 2014.

FAIR, Helen ; WALMSLEY, Roy. **World Prison Population List 13th edition** 1. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <https://www.prisonstudies.org/sites/default/files/resources/downloads/world_prison_population_list_13th_edition.pdf>.

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2022.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Contexto, 2003.

FLORES, Ana Marta; LONGHI, Ritter Rachel. **Narrativas Webjornalísticas Como Elemento de Inovação: Casos de Al Jazeera. Folha de S.Paulo. The Guardian. The New York Times e The Washington Post**. Intercom, v. 40, p. 21-40, 2017.

FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Ligia. **Técnicas de reportagem e entrevista**. São Paulo: Saraiva, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis. Editora Vozes, 2010.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. Ed. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

JÚNIOR, Cícero A. L. **Educação e ressocialização no sistema prisional: A execução da pena e a experiência de educação superior à distância no Núcleo Ressocializador da Capital**. Educação em Prisões: princípios, políticas públicas e práticas educativas, Curitiba, 2018.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro. Editora Record, 2001.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, P. R. S.; CORREIA, J. C. R. .; SILVA, F. V. R. e. **A ressocialização através da educação: análise do atendimento educacional aos apenados das unidades prisionais de Alagoas**. Diversitas Journal, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 949–961, 2020. DOI: 10.17648/diversitas-journal-v5i2-815. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/815. Acesso em: 20 abr. 2022.

LIPPMANN, WALTER. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. (p. 11-42)

LONGHI, R. R. **O turning point da grande reportagem multimídia**. Revista FAMECOS, v. 21, n. 3, p. 897-917, 3 fev. 2015.

MARCONDES, José Sérgio. **Estabelecimento Prisional: O que é? Tipos de Estabelecimentos**. Blog Gestão de Segurança Privada. Disponível em: <<https://gestaodesegurancaprivada.com.br/estabelecimento-prisional/>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

MARTINS, Karinne dos Santos; BAHIA, Thayanne Bezerra dos Santos. **A atuação do pedagogo nas unidades prisionais do estado de Alagoas: limites e possibilidades**. 2019. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Centro de Educação, Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

McCOMBS, Maxwell. **A teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. (p. 7-43)

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese de Doutorado. FACOM/UFBA, 2003.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin do. **Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícia**. São Paulo: Saraiva, 2009. (73-100)

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo Online, informações e memória. Comunicação apresentada nas jornadas de Jornalismo Online**. Porto: Universidade de Beira Interior, 2002.

PALACIOS, Marcos. **Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória**. Modelos do Jornalismo Digital. Salvador: Editora Calandra, p. 14-33, 2003.

PORTAL IEDE. **Iede lança Indicador de Permanência Escolar que mostra total de jovens que abandonaram a escola**. Portal Iede. Disponível em:

<<https://www.portaliiede.com.br/iede-lanca-indicador-de-permanencia-escolar-que-mostra-total-de-jovens-que-abandonaram-a-escola/>>. Acesso em: 30 mai. 2022.

RIBAS, Beatriz. **Infografia Multimídia: um modelo narrativo para o webjornalismo**. Anais do II SBPJor (CD-ROM). Salvador-BA/Brasil, 2004.

VENTURA, Mariane Pires. **Jornalismo de dados e Grande Reportagem Multimídia: combinações possíveis**. 16º SBPJor, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Pauta jornalística (Direito)

Pauta - Direito

Tema da reportagem: a importância da educação no sistema prisional, com foco em Alagoas

Repórter: Thaynara Monteiro de Oliveira

Retranca: educação, sistema prisional

Sinopse: Idealizado para ser um espaço de reforma do indivíduo, para que ele aprenda com seus erros, a prisão muitas vezes acaba não sendo um espaço ressocializador que o preso precisa para se redimir. A falta de estrutura e de acesso à coisas básicas faz com que o ambiente se torne precarizado, e que ao invés do indivíduo retornar à sociedade da melhor forma, acabe se tornando um reincidente no sistema prisional. Quais são os direitos dos presos, e por que existe essa falta de acesso?

Enfoque: Sendo um direito básico que não é ofertado para todos mesmo fora do espaço prisional, precisamos discutir aqui sobre o acesso à educação para a população carcerária, que por estigmas da sociedade, é uma das que mais sofrem exclusão social. Além disso, é preciso discutir a precarização da vida dos reeducandos que estão dentro dos presídios.

Sugestão de perguntas:

- Existe algum tipo de legislação que assegura o direito dos presos a terem acesso à educação enquanto estiverem cumprindo pena no sistema prisional?
- Em Alagoas, existe essa oferta de educação no sistema prisional? É gratuita?
- O acesso à educação nos presídios de Alagoas são restritos a apenas um núcleo, ou são ofertados igualmente em todas as unidades?
- Todos os presos podem começar a ter aulas direto do presídio, ou apenas os já condenados?
- É preciso ter alguma decisão judicial para conseguir ter acesso ao ensino enquanto o indivíduo estiver recluso, em Alagoas?

- Caso os presos provisórios também possam começar a ter aulas direto do presídio, como fica a situação deles caso eles consigam voltar para casa antes da conclusão dos estudos?
- Como iniciar/concluir os estudos direto do presídio pode ajudar os reeducandos, em relação aos seus respectivos processos?
- Existe algum projeto, atualmente, que debata o ensino para presos e as condições para que isso ocorra da melhor forma?
- E sobre o debate de penas alternativas no Brasil, buscando a ressocialização? Existe alguma?
- Não dá para falar sobre esse assunto sem mencionar políticas públicas. Existe alguma voltada para o acesso à educação dos presos?
- Existe algum programa de auxílio para o preso que optou por estudar dentro do presídio quando ele for solto?
- Lendo sobre o assunto num trabalho feito por uma estudante de pedagogia, ela relatou que não teve, durante a faculdade, muito preparo para a atuação dos profissionais nos sistemas prisionais. Essa pauta, de ensino para reeducandos, geralmente é discutida durante a graduação de Direito?
- Qual o impacto que a ausência da educação nos presídios pode causar, tanto na vida dos presos, como na sociedade em geral?
- Muitas pessoas são contra permitir que presos tenham direitos básicos, como por exemplo o tema que está sendo debatido. A popularização da discussão do “bandido bom é bandido morto” acaba excluindo o indivíduo ainda mais da sociedade, já que uma vez preso, terá que conviver pela vida inteira com esse peso. Como essa visão de boa parte da sociedade influencia nas condições atuais do sistema prisional, no geral?
- Em Alagoas, temos o Núcleo Ressocializador da Capital, que é referência para muitas outras unidades do país, com ofertas de ensino e trabalho para os reeducandos. Como é a dinâmica na unidade? Existe uma possibilidade de ser criada uma semelhante para as mulheres que estão reclusas, e seria necessário?

Solicitar dados referentes a:

- População carcerária atual em Alagoas
- Quantas pessoas estão atualmente no Núcleo Ressocializador da Capital

- Quantos presos estão envolvidos em atividades educacionais em Alagoas
- Quais unidades ofertam ensino aos presos
- Informações e dados sobre o NRC
- A partir de qual ano o estado passou a ofertar ensino aos presos? E quando começou a oferta de graduação?

Fontes:

Roberto Barbosa de Moura - advogado e presidente da Comissão dos Direitos Humanos da OAB

Secretaria de Estado de Ressocialização e Inclusão Social de Alagoas (Seris/AL)

APÊNDICE B - Pauta jornalística (Pedagogia)

Pauta - Pedagogia

Tema da reportagem: a importância da educação no sistema prisional, com foco em Alagoas

Repórter: Thaynara Monteiro de Oliveira

Retranca: educação, sistema prisional

Sinopse: A educação é um direito básico - assegurado pela Constituição Federal de 1988 - de todos, incluindo indivíduos que estejam cumprindo pena no sistema prisional, seja no regime fechado, semiaberto ou aberto. Pedagogos defendem que a educação é capaz de ressocializar o apenado, permitindo que ele tenha uma segunda chance ao retornar à sociedade após cumprir sua pena.

Enfoque: Apesar de ser um direito básico, nem todos têm acesso à educação no país. A maior parte dos indivíduos que fazem parte da população carcerária está sendo, mais uma vez, excluída da sociedade por não ter acesso aos seus direitos básicos.

Na reportagem, iremos falar sobre a importância da educação nestes espaços, para que o indivíduo, que deverá voltar à sociedade em algum momento, tenha uma chance de construir uma nova vida com acesso a mais conhecimento e a possibilidade de ingressar no mercado de trabalho.

Além disso, é importante abordar também como essa medida reflete na sociedade (direta ou indiretamente), o impacto que a ausência do ensino nos presídios causa, e as dificuldades que os pedagogos enfrentam atuando no sistema prisional.

Sugestão de perguntas:

- Qual a importância da oferta da educação nos sistemas prisionais?
- O reeducando pode ter uma nova chance de vida a partir do ensino?
- A educação é um direito de todos. Como a ausência dela reflete na sociedade? E como o ensino nos presídios podem mudar algumas realidades?
- Quais as maiores dificuldades que um pedagogo enfrenta atuando nestes locais?
- Como ocorre a atuação dos pedagogos no sistema prisional? E qual seria o

ideal?

- Existe uma formação específica, ou uma abordagem direcionada a atuação no sistema prisional que seja debatida durante a graduação?

Fontes:

Ana Katharine Pedrosa Alves (pedagoga)

APÊNDICE C - Pauta jornalística (Psicologia)

Pauta - Psicologia

Tema da reportagem: a importância da educação no sistema prisional, com foco em Alagoas

Repórter: Thaynara Monteiro de Oliveira

Retranca: educação, sistema prisional

Sinopse: Estar num ambiente como o sistema prisional não é fácil, e pode causar diversos danos psicológicos. Além disso, ao ingressar na população carcerária, o indivíduo muitas vezes acaba sendo desmotivado a ser útil, sem vontade de trabalhar ou estudar, e por conta da ociosidade, acaba se entregando aos dias que passam lentamente.

Enfoque: Na reportagem, iremos falar sobre como a oferta de educação nos espaços prisionais pode atuar positivamente na relação entre reeducandos e agentes penitenciários, como pode ajudar na autoestima do preso e qual o impacto causado na vida do reeducando e em sua família.

Sugestão de perguntas:

- Quais problemas os indivíduos podem enfrentar a partir do momento que se tornam egressos?
- É possível que o acesso ao ensino e trabalho ajude psicologicamente estes indivíduos? Como isso ocorre?
- Qual a importância do profissional da área de psicologia no sistema prisional? Como a atuação dele ajuda na ressocialização dos indivíduos privados de liberdade?
- O serviço ofertado atualmente dá alguma garantia de que o indivíduo retorne à sociedade melhor do que ele estava antes de ser inserido na população carcerária?
- Qual seria o cenário ideal para que a ressocialização fosse uma realidade para a maioria dos presos?

Fontes:

Psicóloga do grupo de pesquisa que atua no Estabelecimento Prisional Feminino Santa Luzia (pegar informações com Ana Katharine)

APÊNDICE D - Pauta jornalística (Social)

Pauta - Social

Tema da reportagem: a importância da educação no sistema prisional, com foco em Alagoas

Repórter: Thaynara Monteiro de Oliveira

Retranca: educação, sistema prisional

Sinopse: Cícero Alves Júnior, ex-reeducando do sistema prisional, foi o primeiro de Alagoas a se formar num curso de graduação por Ensino à Distância, diretamente do Núcleo Ressocializador da Capital. Atualmente, Cícero mora em Pernambuco e trabalha também com o acesso à educação para outras pessoas reclusas.

Enfoque: Contar um pouco sobre a história de Cícero, desde antes de ser preso e como foi sua trajetória até o final de sua pena.

Sugestão de perguntas:

- Conversar um pouco sobre a trajetória de Cícero
- Você atua numa organização que também busca fornecer acesso à educação para reeducandos? Como funciona?
- Como a oportunidade de cursar uma graduação enquanto cumpria pena ajudou na sua ressocialização?

Fontes:

Cícero Alves Júnior (ex-reeducando e empreendedor social)

APÊNDICE E - Pauta jornalística (Profª Elaine Pimentel)

Pauta - Educação no sistema prisional alagoano - profª Elaine Pimentel (entrevista por email)

Se trata de uma reportagem sobre a educação no sistema prisional, com foco em Alagoas, e a importância da oferta para a ressocialização do custodiado. Tive oportunidade de conhecer e conversar com Cícero Alves, ex-reeducando que se formou em Administração enquanto cumpria pena, e atualmente trabalha com custodiados de Pernambuco, dando suporte para que eles tenham oportunidades de trabalho e não reincidam. Também irei falar um pouco sobre o Núcleo Ressocializador da Capital, já que foi a unidade que Cícero cumpriu pena em regime fechado enquanto realizava a graduação, e por ser considerada destaque no país.

Perguntas:

- Alagoas tem uma unidade referência em questões de ressocialização dos custodiados, que é o Núcleo Ressocializador da Capital. Infelizmente, o NRC não comporta nem metade da população carcerária condenada de Alagoas. A que se deve isso? Não existe interesse de investimentos voltados para a ressocialização?
- Para entrar no NRC existe um rigoroso processo seletivo, e muitas vezes mesmo com tudo a favor para a entrada, alguns custodiados não conseguem ingressar no projeto, ainda que estejam bastante interessados. Muitos relatam que, na verdade, o processo seletivo é o famoso “quem indica” no sistema prisional. Existe alguma explicação para essas dificuldades impostas? E existe alguma triagem a respeito dos crimes cometidos? (Se cometeu x, não consegue entrar)
- Segundo o mapa carcerário mais recente da Seris, cerca de 64 vagas estão disponíveis no Núcleo Ressocializador, enquanto a maior parte das unidades está superlotada. Existe algum motivo para isso acontecer?
- A unidade oferece diversas atividades, além de trabalho e estudo para os custodiados, enquanto outras unidades não possuem estrutura adequada para ofertar aulas para a maioria dos custodiados, evidenciando mais uma

exclusão já no sistema prisional. Por que isso ocorre?

- Existem dados atuais que comprovem que a educação ajuda na diminuição da reincidência criminal?
- Existe algum motivo por não existir um Núcleo similar voltado para as mulheres privadas de liberdade?
- O NRC é referência no estado, mas a oferta da unidade é suficiente para conseguir reinserir estes custodiados na sociedade, ou ainda falta muito para um cenário minimamente ideal?
- O Núcleo Ressocializador, como modelo, dá certo, de acordo com seus propósitos?
- Existem políticas públicas voltadas para as melhorias necessárias em relação à oferta educacional no sistema prisional de Alagoas? O que seria necessário para que os custodiados tivessem esse direito de fato ofertado da melhor forma?
- Mesmo com a oferta em todas (ou maior parte) das unidades prisionais, a maioria dos custodiados não têm acesso, mesmo com o interesse em concluir ao menos o ensino básico. Isso se deve pela superlotação dos presídios?
- Entre tantos cenários, a falta de oferta educacional para os custodiados é apenas mais um dos vários problemas que as pessoas privadas de liberdade enfrentam enquanto cumprem pena. É necessário falar sobre outras problemáticas antes de focar na formação desses indivíduos, ou é possível trazer essa pauta como uma luz para que os outros problemas sejam “solucionados”?
- A educação sozinha não consegue reintegrar totalmente um custodiado, que precisa de apoio dos familiares e principalmente de assistência vinda do estado, inclusive no momento em que o custodiado passa a cumprir uma pena no semiaberto/aberto ou no final dela. Existe algum acompanhamento desse custodiado aqui em Alagoas, em questões de ajuda para arrumar um emprego ou fazer com que ele conclua os estudos, caso tenha interrompido?
- A mídia, principalmente com os programas policiais, acaba influenciando muitas vezes uma cultura de desumanização com essas pessoas privadas

de liberdade. Isso influencia, de alguma maneira, nessa falta de cuidado e de oferta de direitos básicos aos custodiados?

- Por que é tão importante debater a permanência e a oferta da educação nestes espaços? Quais os ganhos que essa pauta pode gerar, tanto para os custodiados, como para a sociedade no geral?